

PABLO VIERCI

A sociedade da neve

*Os dezesseis sobreviventes da tragédia dos Andes
contam toda a história pela primeira vez*

Tradução

Bernardo Ajzenberg



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2008 by Pablo Vierci

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

La sociedad de la nieve — Por primera vez los 16 sobrevivientes de los Andes cuentan la historia completa

Capa

Flavia Castanheira

Foto de capa e quarta capa

El País, Coleção Caruso, Uruguai. Fotograma do documentário Vengo de un avión que cayó en las montañas, de Gonzalo Arijón. © Ethan Productions — La Realidad

Preparação

Claudio Carina

Revisão

Pedro Borges

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vierci, Pablo, 1950-

A sociedade da neve : os dezesseis sobreviventes da tragédia dos Andes contam toda a história pela primeira vez / Pablo Vierci ; tradução Bernardo Ajzenberg — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: La sociedad de la nieve : por primeira vez los 16 sobrevivientes de los Andes cuentan la historia completa.

ISBN 978-85-359-1668-3

1. Acidentes aéreos - Andes, Região - 1972 2. Andes, Cordilheiras, dos, Região - Chile 3. Canibalismo - Andes, Região - 1972 4. Narrativas pessoais 5. Sobrevivência após acidentes aéreos, naufrágios etc. I. Título.

10-04251

CDD-920

Índice para catálogo sistemático:

1. Cordilheira dos Andes : Chile : Sobreviventes :

Narrativas pessoais

920

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Agradecimentos	9
Prólogo	15
1. Março de 2006: voltar à montanha.....	21
2. Abandonados — Roberto Canessa.....	27
3. A primeira morte: cair na cordilheira.....	41
4. A contagem regressiva — Coche Inciarte.....	51
5. O adeus.....	66
6. Lenços na praça — Daniel Fernández.....	73
7. A segunda morte	88
8. A história inacabada — Adolfo Strauch.....	93
9. O sol se esconde rápido.....	106
10. O diabo não dorme — Moncho Sabella.....	113
11. Um salto no vazio.....	127
12. A glória efêmera — Álvaro Mangino	136
13. Os que viram demais	150
14. Uma cruz amassada com um braço arrancado — Gustavo Zerbino	158

15. A terceira morte	171
16. Minhas conversas com Liliana — Javier Methol	178
17. Condenados a caminhar	191
18. Vivendo com o mínimo — Pedro Algorta	197
19. A salvação pelo leste	212
20. A longa travessia — Carlitos Páez	219
21. Ninguém nos ouve?	234
22. Os filhos da cordilheira — Roy Harley	243
23. Os buscadores	255
24. No limite — Bobby François	267
25. O abismo que escalamos	282
26. Amigos por toda a eternidade — Tintín Vizintín	291
27. “Venho de um avião que caiu nas montanhas”	305
28. Voar com as asas congeladas — Pancho Delgado	317
29. A espera	331
30. O que eu encontrei na montanha — Eduardo Strauch ...	338
31. Los Maitenes	351
32. “Siga em frente, papai” — Nando Parrado	357
33. O reencontro	372
 Passageiros e tripulantes do Fairchild 571	 389
Créditos das imagens	391

1. Março de 2006: voltar à montanha

Subir até a geleira no Vale de las Lágrimas em março de 2006, onde está sepultada a fuselagem do F571 que caiu no sopé das serras de San Hilario, entre os vulcões Tinguiririca e Sosneado, é uma experiência arriscada.

Implica um percurso longo, uma subida vagarosa de dois dias a cavalo em trilhas improvisadas, com menos de meio metro de largura, o precipício sempre ao lado, numa cordilheira cujas paisagens e alturas mudam continuamente, mas onde a vertigem do risco iminente está sempre presente. Avança-se devagar, passo a passo, seja na montanha ou quando se atravessam as correntes impetuosas de água gelada que descem da cordilheira arrastando tudo no caminho. Parecem querer levar até mesmo as mulas e os cavalos, que cambaleiam mas não caem, firmando os cascos entre as pedras no fundo antes de dar o passo seguinte. Alguns cavaleiros avançam de olhos vendados para evitar os sobressaltos, confiando no instinto dos animais.

A cada trecho surge uma imagem ou algum imprevisto que faz você tremer. Tempestades de neve e ventos irrompem subitamen-

te. Uma mula desliza barranco abaixo por vários metros, sperneando e levantando tanta poeira que fica impossível observar o desenlace, até que consegue firmar os cascos numa saliência da descida, com o cavaleiro curvado e agarrado à crina. Um cavalo tropeça, apoia um joelho na trilha e fica se equilibrando no ar com as patas traseiras sobre o precipício. Uma mula de carga se assusta com a ventania e sai correndo em meio às rochas, galopando montanha abaixo, largando sua carga pelo caminho, enquanto um tropeiro dispara atrás dela a galope. Os códigos já estão se alterando; a vertigem integra a paisagem. O grupo se aproxima da pré-história.

Dois dias depois, quando se chega ao Vale de las Lágrimas, a quase 4 mil metros de altitude, no centro da cordilheira dos Andes, na fronteira entre o Chile e a Argentina, o panorama é grandioso e aterrador. Faz lembrar um anfiteatro monumental: ao centro, sobre um promontório de rochas, há uma cruz de ferro onde estão enterrados os restos dos mortos no acidente. Ao sul se divisa uma sucessão infindável de montanhas e picos que vão até o Cabo de Hornos, no fim do continente. Ao norte, uma paisagem semelhante se estende até o Panamá, desdobrando seus 7240 quilômetros de extensão e constituindo um maciço montanhoso mais longo que o Himalaia; a oeste a visão se choca com um paredão de rochas e gelo de 5180 metros de altura, a serra de San Hilario, tão imponente que impede qualquer tentativa de se imaginar o horizonte. Para trás, a leste, retorna-se à Argentina, de onde veio o grupo a cavalo. Os infindáveis picos nevados culminam, na distância enevoada ao leste, no mais alto de todos: o vulcão Sosneado, de 6 mil metros de altura. Nessa paisagem de fim de mundo reina um silêncio inorgânico, interrompido de vez em quando pela violência do vento e o rangido da geleira.

É necessário deixar os cavalos, que precisam descer mil metros antes que o sol se ponha entre as montanhas para não morrerem

congelados. Depois o grupo tem de caminhar mais oitocentos metros a oeste da cruz de ferro até o local exato onde a fuselagem do Fairchild está soterrada, no meio da geleira. Falta oxigênio, cada passo exige um esforço maior que o anterior. Náusea, confusão, dor de cabeça, o mal da altitude começa a se insinuar no corpo dos menos acostumados.

Quatro sobreviventes do acidente de 1972 fazem parte do grupo: Roberto Canessa, Gustavo Zerbino, Adolfo Strauch e Ramón “Moncho” Sabella. Acompanha-os também Juan Pedro Nicola, cujos pais faleceram no acidente. Como todos do grupo, ele traz o filho, para que conheça a sepultura onde descansam os restos de seus avós e dos outros que nunca mais voltaram. O filho observa o pai, que está absorto, o olhar perdido nas cinco agulhas de pedra com que o avião se chocou.

Quando a geleira fica mais próxima, e o paredão de neve da serra de San Hilario tem suas dimensões aumentadas, os integrantes do grupo precisam se amarrar uns aos outros e colocar crampons nas solas das botas antes de continuar a subida. A geleira, com a fuselagem bem no centro, está logo ali, atravessada de lado a lado por gretas de vinte a trinta metros de profundidade, dissimuladas por finas camadas de gelo. Três montanhistas profissionais vão à frente, sondando o terreno com suas piquetas e bastões. Alguns metros atrás seguem os quatro sobreviventes.

A paisagem que Gustavo Zerbino viu no dia 13 de outubro de 1972, às 15h35, momentos depois do acidente, quando a fuselagem destroçada encalhou no meio da geleira depois de deslizar a uma velocidade estonteante, ziguezagueando, chocando-se contra os conjuntos rochosos que surgem em meio à ladeira de neve, pouco mudou nesses 34 anos. A primeira coisa que ele viu, ao sul, foram as encostas abruptas cobertas de neve e coroadas no alto com as pontas de pedra observadas poucos momentos antes por Juan Pedro Nicola. As mais altas são as dos extremos, e foi contra uma

dessas que se chocou a asa esquerda do avião, e seu ventre com as do meio, quando se deslocava com os motores roncando ao máximo, numa tentativa desesperada de evitar uma colisão que àquela altura, com a direção já totalmente perdida, era inevitável. Na direção do oeste, observado do ponto onde se encontra a fuselagem, o paredão de rochas cobertas de neve parece incrustado em posição vertical, humanamente inalcançável, a não ser por uma façanha acima de qualquer lógica, ou a menos que se esteja vivendo em uma sociedade desconhecida.

No dia 13 de outubro de 1972, às 15h37, Gustavo Zerbino, com dezenove anos de idade, pertencente ao grupo dos mais novos, vivenciava o mesmo que agora. Sentia falta de ar, não tinha forças, era assolado por dor de cabeça e estava muito confuso. Saiu ileso, mas precisava ajudar o amigo Roberto Canessa, da mesma idade, a escapar da armadilha onde caíra imobilizado debaixo de dois assentos arrancados inteiros pelo impacto que o deixaram preso entre ferros cortantes e pontiagudos. Imediatamente, os dois começam a retirar os assentos que prendem os demais, feridos ou ilesos. Para remover alguns cadáveres presos aos ferros retorcidos e aos destroços da fuselagem, precisam amarrá-los pelos pés usando os cintos de segurança e arrastá-los de quatro até a neve, para deixá-los ali sem mais, de bruços, a três metros do desastre.

Gustavo corre com determinação para ajudar no que pode. Não há tempo para pensar, apenas para colaborar com Roberto, que enquanto cuida de um ferido examina o pulso de um moribundo, momentos antes de improvisar um torniquete de emergência para conter o sangramento de Fernando Vásquez, que teve uma perna ferida pela hélice da asa direita que se soltou e avançou na direção do aparelho. Logo depois ele retorce a tibia quebrada de Álvaro Mangino, encaixando-a no lugar e afastando-o do caminho: já foi atendido. Agora é a vez de outro, um companheiro emaranhado entre ferros, tremendo, com uma ferida na barriga,

que logo se ergue para mostrar a Gustavo o tubo de metal cravado em suas entranhas.

— Não está doendo. Só sinto frio — diz Enrique Platero.

Hoje está tudo intacto. Como se o tempo tivesse congelado. Não há ferrugem nos restos do avião espalhados pelo local. Na asa esquerda, partida ao meio exatamente onde ficava a hélice, brilham com nitidez as velhas inscrições, o lugar de fabricação, a data, as instruções técnicas. O céu se fecha de repente e o grupo decide voltar oitocentos metros até o promontório de pedra onde está a cruz de ferro, ao lado da qual se montaram duas barracas especiais para a montanha.

Nuvens escuras avançam ameaçadoras, anunciando o vento e as tempestades de neve que logo fazem as barracas sacolejarem como se fossem arrancá-las do chão. Adolfo Strauch, que em 1972 pertencia ao grupo dos mais velhos, com 24 anos, anuncia a iminência de uma avalanche. Observa com atenção, e logo depois de fazer sua advertência ele mostra para a filha, Alejandra, como se produz um gigantesco desprendimento de neve acumulada no grande paredão a oeste, que provoca à sua passagem um forte estrondo e gera um rastro de vapor. Mas agora eles estão a salvo, a oitocentos metros de onde se encontram os destroços do avião de 72.

De pé junto à cruz de ferro, com o braço sobre o ombro de Roberto Canessa, Gustavo Zerbino vibra como se estivesse vivendo um presente contínuo. Na noite anterior, no acampamento-base de El Barroso, numa barraca de montanha que dividiu com um de seus filhos, no meio do caminho para o Vale de las Lágrimas, Gustavo não conseguiu dormir, assolado por náuseas e pesadelos. Ao amanhecer, ele monta seu cavalo e sobe em silêncio, isolando-se no tempo. Quando consegue enxergar o Vale de las Lágrimas, já está a bordo do F571. Seu relato, agora, se mescla com suspiros, intercala-se com recordações tão vivas que ele chega a sentir que

está dando um passo atrás, como em 1972, para se afastar dos destroços fantasmagóricos do avião partido.

No instante em que a aeronave se chocava com a agulha de pedra, às 15h30, depois de despencar por uma coluna de vácuo ilimitada, Gustavo livrou-se inconscientemente do cinto de segurança e ficou de pé no corredor, segurando com toda força os suportes metálicos que delimitavam os bagageiros, para não voar com o choque. Sentiu o impacto, e logo depois os assobios do vento gelado e da neve que castigavam sua cabeça, as costas e as pernas, e contou os segundos intermináveis que o corpo partido do avião levava patinando sobre o gelo até parar abruptamente, esmagando assentos e pessoas contra o compartimento de bagagens e o dos pilotos.

Roberto Canessa sente o impacto da asa contra as rochas e agarra a poltrona à sua frente com todas as forças. Surgem em sua mente imagens soltas, impetuosas e confusas, que o encaminham a um único desenlace: ele está protagonizando um acidente aéreo na cordilheira dos Andes. A qualquer momento ele se espatifará contra a montanha e conhecerá o que se esconde do outro lado da vida.